

Conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e atividade sexual de pessoas idosas

Knowledge about sexually transmitted infections and sexual activity in elderly people

Conocimiento sobre infecciones de transmisión sexual y actividad sexual de personas mayores

Recebido: 29/03/2025 Aceito: 29/06/2025 Publicado: 01/08/2025

 Thais Braga Macedo¹,  Ryanne Agnes Souza Silva de Oliveira¹,  Fernanda Bonato Zuffi²
 Adriana Cristina Nicolussi³

Resumo:

Objetivo: avaliar o conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e a atividade sexual de pessoas idosas. **Método:** estudo transversal e descritivo, desenvolvido em uma Unidade Básica de Saúde no Triângulo Sul de Minas Gerais. Foi realizado amostragem não probabilística, com pessoas idosas, no período de agosto de 2024 a janeiro de 2025. Utilizou-se o Miniexame do Estado Mental, um questionário para caracterização sociodemográfica e clínica e outro para avaliar o conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e sobre a atividade sexual. **Resultados:** participaram 50 pessoas idosas, com média de idade 73,3 anos (DP=8,51). A maioria era do sexo feminino (82%), autodeclarado branco (56%), casado/união estável (52%), católico (60%), com até oito anos de estudo (46%), aposentado/pensionista (80%), com renda familiar de até três salários-mínimos (80%) e que praticavam atividade física (58%). Todos relataram conhecer o HIV/AIDS e a maioria sabe sobre hepatite B (96%), sífilis (90%), HPV (72%) e identificaram corretamente os sinais e sintomas das infecções investigadas. Apenas 20% dos entrevistados são sexualmente ativos. A maioria reconheceu a importância do uso de preservativo para prevenção tanto destas infecções quanto de gravidez (96%), e acredita que qualquer pessoa possa contrair uma destas infecções (98%). No entanto, entre os que praticam atividade sexual, apenas 18% utilizam o preservativo e de forma ocasional. **Conclusão:** a maioria dos idosos possui conhecimento adequado sobre as infecções sexualmente transmissíveis investigadas, contudo uma pequena parcela ainda relata conhecimento errôneo sobre alguns aspectos, como meios de transmissão, prevenção e sinais e sintomas, tornando-os vulneráveis a elas e comprometendo o envelhecimento saudável.

Palavras-chave: Infecções sexualmente transmissíveis; Comportamento sexual; Idoso; Atenção Primária à Saúde.

Abstract:

Objective: to assess knowledge about sexually transmitted infections and sexual activity among elderly people. **Methods:** a cross-sectional, descriptive study was conducted at a Basic Health Unit in the Triângulo Sul region of the state of Minas Gerais, Brazil. A non-probabilistic sample was used with older adults from August 2024 to January 2025. The Mini-Mental State Examination, a questionnaire for sociodemographic and clinical characterization, and another to assess knowledge about sexually transmitted infections and sexual activity were used. **Results:** fifty older adults participated, with a mean age of 73.3 years (SD=8.51). The majority were female (82%), self-identified as white (56%), married/in a stable relationship (52%), Catholic (60%), with up to eight years of education (46%), retired/pensioner (80%), with a family income equivalent to three minimum wages or less (80%), and physically active (58%). All reported knowledge of HIV/AIDS, and most knew about hepatitis B (96%), syphilis (90%), and HPV (72%), and correctly identified the signs and symptoms of the infections investigated. Only 20% of respondents were sexually active. Most recognized the importance of condom use to prevent both these infections and pregnancy (96%), and believed that anyone could contract one of these infections (98%). However, among those who were sexually active, only 18% used condoms, and only occasionally. **Conclusion:** most older adults had adequate knowledge about the sexually transmitted infections investigated; however, a small portion still reported inaccurate knowledge about some aspects, such as transmission, prevention, and signs and symptoms, making them vulnerable to them and compromising healthy aging.

Keywords: Sexually transmitted diseases; Sexual behavior; Aged; Primary health care.

Resumen:

Objetivo: evaluar el conocimiento sobre infecciones de transmisión sexual y la actividad sexual de personas mayores. **Método:** estudio transversal y descriptivo, desarrollado en una Unidad Básica de Salud en el Triángulo Sul de Minas Gerais. Se realizó un muestreo no probabilístico, con personas mayores, en el período de agosto de 2024 a enero de 2025. Se utilizó el Minisexamen del Estado Mental, un cuestionario para caracterización sociodemográfica y clínica y otro para evaluar el conocimiento sobre infecciones de transmisión sexual y sobre la actividad sexual. **Resultados:** participaron 50 personas mayores, con una edad promedio de 73,3 años (DE=8,51). La mayoría era de sexo femenino (82%), autodeclarada blanca (56%), casada/unión estable (52%), católica (60%), con hasta ocho años de estudio (46%), jubilada/pensionista (80%), con un ingreso familiar de hasta tres salarios mínimos (80%) y que practicaba actividad física (58%). Todos informaron conocer el VIH/SIDA y la mayoría sabe sobre hepatitis B (96%), sífilis (90%) y VPH (72%) e identificaron correctamente las señales y síntomas de las infecciones investigadas. Solo el 20% de los entrevistados son sexualmente activos. La mayoría reconoció la importancia del uso de preservativo para la prevención tanto de estas infecciones como del embarazo (96%), y cree que cualquier persona puede contraer una de estas infecciones (98%). Sin embargo, entre los que practican actividad sexual, solo el 18% utiliza el preservativo y de forma ocasional. **Conclusión:** la mayoría de las personas mayores posee un conocimiento adecuado sobre las infecciones de transmisión sexual investigadas, sin embargo, una pequeña parte todavía reporta un conocimiento erróneo sobre algunos aspectos, como medios de transmisión, prevención y señales y síntomas, lo que los hace vulnerables a ellas y compromete un envejecimiento saludable.

Palabras-clave: Enfermedades de transmisión sexual; Conducta sexual; Anciano; Atención primaria de salud.

Autor Correspondente: Adriana Cristina Nicolussi – adriana.nicolussi@ufmt.edu.br

1. Enfermeira. Uberaba/MG, Brasil

2. Curso de Graduação em Enfermagem e Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG, Brasil

3. Curso de Graduação em Enfermagem, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde e Programa de Pós Graduação em Atenção à Saúde da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG, Brasil

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é um fato vivenciado atualmente. Estima-se que, no ano de 2050, o Brasil será a sexta nação com o maior número de pessoas idosas, totalizando cerca de 32 milhões de idosos no país¹.

A sexualidade na terceira idade tem sido amplamente investigada, e as pesquisas indicam que muitos idosos continuam sexualmente ativos, embora com uma frequência reduzida, devido às mudanças fisiológicas decorrentes do próprio envelhecimento. No entanto, essa atividade sexual muitas vezes ocorre de maneira desprotegida, pois muitos não se percebem como vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), o que aumenta os riscos à saúde nessa fase da vida².

A atividade sexual compõe um conjunto de necessidades básicas inerentes a todo ser humano, sendo definida como um elemento multidimensional abrangendo sentimentos, pensamentos e cognição, envolvendo formas de expressão de afeto, amor, carinho, companheirismo e atividade sexual³.

Considera-se a sexualidade como um elemento natural e fundamental do ser humano, que varia em cada fase da vida, mesmo durante o processo de envelhecimento, porém, a sociedade tem a cultura de olhar para a pessoa idosa sem a vida sexual ativa, gerando tabus, sendo tratada como algo vergonhoso, proibido e pouco discutido, o que contribui para que esse grupo reprenda seus desejos, afetando sua qualidade de vida⁴.

No que se refere à epidemiologia das ISTs na população idosa no Brasil, entre 2017 e 2021, observou-se um elevado aumento no número de casos notificados. Do total de 275.353 registros, 119.559 ocorreram entre homens e 155.794 entre mulheres. Em 2017, foram notificadas 48.769 ocorrências de IST nesse grupo etário, aumentando para 65.512 em 2018. Nos anos seguintes, houve uma leve redução, com 63.902 casos em 2019, 42.616 em 2020 e 57.154 em 2021⁵.

A emergência das infecções sexualmente transmissíveis como um problema de saúde pública na população idosa brasileira demanda atenção. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam uma incidência de cerca de 2,1% da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) nesse grupo etário, com a relação sexual identificada como a principal via de transmissão do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Adicionalmente, observa-se um aumento significativo na prevalência de outras ISTs⁶.

A Organização das Nações Unidas (ONU), em sua Agenda 2030 para o alcance de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, tem em seu terceiro objetivo: “Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades”, e especificamente no Item 3.3, que até o ano de 2030 acabem as epidemias de AIDS e combate a hepatite, dentre outras

doenças transmissíveis⁷ e considerando os dados epidemiológicos apresentados, identificou-se a necessidade de investigar esta temática dentre a população idosa atendida em uma Unidade Básica de Saúde.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e a atividade sexual de pessoas idosas.

MÉTODO

Este é um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa, conduzido em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), em um município do Triângulo Sul de Minas Gerais. A abordagem e a coleta de dados ocorreram diretamente na unidade de saúde, garantindo sigilo e privacidade aos participantes.

A referida unidade de saúde possuía 3348 idosos cadastrados, com uma média de atendimento de 468 idosos por mês no ano de 2024. Foi realizada amostragem não probabilística por conveniência, sendo incluídas pessoas idosas com idade igual ou superior a 60 anos, com capacidade cognitiva preservada, que frequentavam a referida unidade de saúde.

Inicialmente, foi utilizado o Miniexame do Estado Mental (MEEM) para determinar a capacidade cognitiva dos participantes para que assim, pudessem participar do estudo. Sendo de aplicação simples, o instrumento é dividido em duas seções. A primeira contém itens que avaliam memória, orientação e atenção; a segunda contém itens que avaliam a capacidade de nomeação, atendimento a um comando verbal e escrita, e cópia de um desenho complexo⁸.

Em seguida, foi aplicado um questionário para caracterização sociodemográfica e clínica, contendo as seguintes variáveis: idade, sexo, estado civil, cor autodeclarada, escolaridade, ocupação, renda familiar, religião, prática de atividade físicas e comorbidades.

Para avaliar o conhecimento sobre IST e a atividade sexual das pessoas idosas, aplicou-se um questionário desenvolvido a partir do referencial teórico do Mistério da Saúde, elaborado e utilizado pelo Centro Universitário UNA em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O instrumento é dividido em três partes: a primeira é composta por variáveis sociodemográfica; a segunda, por questões sobre o conhecimento das IST; e a terceira, sobre o comportamento sexual. O formulário aborda patologias como hepatite B, Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), Papilomavírus Humano (HPV) e sífilis⁹.

As questões deste instrumento são de múltipla escolha e os participantes poderiam escolher mais de uma opção de resposta. No momento da aplicação, era enfatizado que o intuito

era avaliar o conhecimento e quanto mais respostas corretas assinaladas, maior é o nível de conhecimento sobre ISTs.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas presenciais, nos dias em que os idosos compareciam na própria unidade de saúde, para algum atendimento previamente agendado, entre os meses de agosto de 2024 a janeiro de 2025. As entrevistas foram realizadas por residentes de enfermagem, que após esclarecerem e obterem o consentimento dos participantes, os mesmos eram direcionados a um ambiente reservado, assegurando confidencialidade e privacidade.

Os dados foram digitados em uma planilha eletrônica, no programa EXCEL®, empregando-se a técnica de validação por dupla digitação, para detectar inconsistências. Posteriormente, foi realizada a análise estatística descritiva, com cálculo da média e desvio padrão para a variável idade e das frequências absolutas e relativas para as demais variáveis sociodemográficas, clínicas e sobre IST, usando o software *PSPP version 1.2.0*.

O estudo foi deferido pelo Departamento de Gestão do Trabalho e de Educação em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde do Município e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), parecer nº 6.809.098, respeitando as diretrizes e normas de pesquisa envolvendo seres humanos, Resolução 466/2012 do Conselho Nacional da Saúde.

RESULTADOS

Participaram 50 pessoas idosas, com idade variando de 60 a 91 anos, com média de 73,3 anos ($DP=8,51$). A maioria era do sexo feminino, autodeclarado branco, casado/união estável, católico, com até oito anos de estudo, aposentado/pensionista, com renda familiar de até três salários mínimos e que praticavam atividade física, conforme apresenta a Tabela 1.

No que se refere às comorbidades, apenas uma pessoa idosa informou não possuir-las. Encontrou-se uma prevalência de hipertensão arterial (82,0%), seguida de diabetes mellitus (44,0%), dislipidemia (32,0%), doença degenerativa (4,0%) e outras (22,0%).

Ao serem questionados sobre ISTs, todos os entrevistados informaram conhecer o HIV/AIDS e a maioria relatou saber sobre hepatite B, sífilis e HPV. A maioria considerou essencial o uso do preservativo para prevenir doenças e gravidez e acredita que qualquer pessoa pode contrair uma IST. Todos reconheceram que a principal forma de transmissão é por relações sexuais desprotegidas, embora alguns ainda acreditam que o compartilhamento de utensílios possa transmitir ISTs. Sobre os sintomas, a maioria identificou corretamente sinais e sintomas das infecções investigadas (Tabela 2).

Tabela 1. Caracterização das pessoas idosas segundo variáveis sociodemográficas. Uberaba, Minas Gerais, 2025.

Variáveis	n	%
Sexo		
Feminino	41	82,0
Masculino	9	18,0
Cor autodeclarada		
Branca	28	56,0
Parda	12	24,0
Preta	8	16,0
Amarela	2	4,0
Estado Civil		
Casado/União Estável	26	52,0
Viúvo	9	18,0
Divorciado	8	16,0
Solteiro	7	14,0
Religião		
Católica	30	60,0
Espírita	12	24,0
Evangélica	6	12,0
Sem religião definida	2	4,0
Escolaridade		
Não estudou	5	10,0
De 1 a 8 anos de estudo	23	46,0
De 9 a 11 anos de estudo	15	30,0
12 anos ou mais	7	14,0
Ocupação		
Aposentado/pensionista	40	80,0
Dona de casa/ do lar	7	14,0
Mercado formal/ trabalho registrado	2	4,0
Mercado informal/ sem registro	1	2,0
Renda familiar		
Até 1 salário mínimo	15	30,0
De 1 a 3 salários mínimos	25	50,0
De 3 a 5 salários mínimos	8	16,0
Acima de 5 salários mínimos	2	4,0
Pratica atividade física		
Sim	29	58,0
Não	21	42,0

Tabela 2. Caracterização das pessoas idosas segundo conhecimento de Infecções Sexualmente Transmissíveis. Uberaba, Minas Gerais, 2025.

Quais dessas ISTs conhece	n	%
HIV/AIDS	50	100,0
HPV	36	72,0
Sífilis	45	90,0
Hepatite B	48	96,0
Importância do uso do preservativo		
Somente prevenir ISTs	7	14,0
Somente prevenir gravidez	5	10,0
Prevenir ISTs e gravidez	48	96,0
Não é necessário usar	4	8,0
Quem pode adquirir uma IST		
Somente profissionais do sexo	2	4,0
Somente usuários de drogas	2	4,0
Somente homossexuais	1	2,0
Qualquer pessoa	49	98,0
Qual patologia não tem cura		
HIV/AIDS	39	78,0
HPV	26	52,0
Hepatite B	14	28,0
Sífilis	15	30,0
Qual IST que tem vacina para o idoso		
HIV/AIDS	16	32,0
Hepatite B	40	80,0
Sífilis	22	44,0
HPV	26	52,0
Sinal/sintoma do HPV		
Verrugas na região genital	32	64,0
Febre	23	46,0
Tosse	12	24,0
Dor muscular	20	40,0
Transmissão das ISTs		
Durante a relação sexual desprotegida	50	100,0
Pela saliva através do beijo	21	42,0
Pelo compartilhamento de talheres e copos	22	44,0
Pelo abraço	2	4,0
Sinal/sintoma da Sífilis na fase inicial		
Mal estar	20	40,0
Dor de cabeça	14	28,0
Dor durante a relação sexual	21	42,0
Uma ferida indolor e endurecida na região genital	25	50,0
Sinal/sintoma da hepatite B		
Icterícia (amarelão), dor abdominal e urina escura	42	84,0
Dor atrás dos olhos e visão escurecida	29	58,0
Dor no peito e falta de ar	19	38,0
Dor ao urinar	19	38,0
Sinal/sintoma do HIV/AIDS na fase tardia		
Aparecimento de doenças oportunistas	47	94,0
Deixa de ser transmissível pela relação sexual	5	10,0
Causa dor ao urinar	19	38,0
Causa desconforto na relação sexual	27	54,0

Nota: era possível a marcação de mais de uma alternativa por questão.

A pesquisa revelou que uma pequena parte dos idosos entrevistados tiveram relações sexuais recentemente, mas o uso de preservativos foi baixo. Muitos afirmaram nunca os utilizar, enquanto outros fazem uso ocasionalmente. Entre os motivos para não usar preservativo, a maioria relatou ter um parceiro fixo, contudo outros não consideraram necessário. No que diz respeito à busca por informações sobre ISTs, menos da metade dos idosos procuraram se informar, e relataram buscar principalmente na internet e televisão. A maioria não se vê como vulnerável a essas infecções, e se sente confortável em falar sobre sexo, enquanto uma pequena parte não se sente à vontade, citando vergonha, falta de interesse pelo tema ou a percepção de que sexo é algo reservado para pessoas mais jovens, conforme mostra Tabela 3.

Tabela 3. Caracterização das pessoas idosas segundo atividade sexual e busca por informações sobre ISTs. Uberaba, Minas Gerais, 2025.

	n	%
Teve relação sexual nos últimos 6 meses		
Sim	10	20,0
Não	40	80,0
Usa preservativo durante as relações性uais		
Sempre	5	10,0
Às vezes usa	9	18,0
Nunca usa	36	72,0
Se nunca usa ou às vezes usa, por quê?		
Não respondeu	9	18,0
Tem parceiro fixo	28	56,0
Não tem risco de engravidar	1	2,0
Não acha necessário	12	24,0
Se considera vulnerável a adquirir uma IST		
Sim	5	10,0
Não	45	90,0
Se sim, por quê?		
Teve relação sexual desprotegida	3	6,0
Não procura se informar sobre IST	2	4,0
Busca informações sobre ISTs		
Sim	23	46,0
Não	27	54,0
Se sim, onde busca?		
Televisão	10	20,0
Amigos	2	4,0
Internet	14	28,0
Profissional da saúde	9	18,0
Outros	1	2,0
Se sente à vontade para falar sobre sexo		
Sim	42	84,0
Não	8	16,0
Se não, por quê?		
Tem vergonha	1	2,0
Não gosta de falar sobre sexo	6	12,0
Tem vergonha e acha que sexo é para mais jovens	1	2,0

DISCUSSÃO

No presente estudo, verifica-se uma predominância da adesão do público feminino. Esse dado evidencia que as mulheres possuem um acesso mais amplo tanto na procura por uma assistência nas UBS quanto às informações sobre saúde, uma vez que, culturalmente, demonstram maior preocupação com o próprio bem-estar. Como consequência, elas se engajam mais ativamente em grupos voltados para a terceira idade, nos quais buscam tanto apoio social quanto estratégias preventivas para assegurar uma melhor qualidade de vida⁹.

A análise às pessoas idosas atendidas na unidade em questão revelou que a maioria era composta por aposentadas, cuja renda mensal situava-se em até três salários-mínimos. Esse dado ressalta a vulnerabilidade econômica dessa parcela da população, o que pode impactar diretamente no seu acesso a serviços de saúde e demais recursos essenciais¹⁰.

Ademais, os resultados apresentados, em si, remetem a inferir a escassez de iniciativas educativas voltadas especificamente para essa faixa etária, agravando ainda mais sua vulnerabilidade. Esse cenário contribui para um aumento do risco de exposição a ISTs, tornando essencial a implementação de estratégias preventivas e educativas voltadas a esse público¹⁰.

No que tange ao conhecimento sobre ISTs, observou-se que ainda existem tabus presentes entre esse público. Além das alterações naturais inerentes ao processo de envelhecimento, incluindo a senescênciia do sistema imunológico que pode elevar a predisposição a ISTs, a população idosa enfrenta importantes barreiras socioculturais. Entre elas, destaca-se a persistente visão de que não constituem um grupo de risco para essas infecções¹¹.

Todos os entrevistados afirmaram conhecer o HIV, porém, nota-se uma lacuna significativa no entendimento sobre seus sintomas e formas de transmissão. Estudo revelou que as mulheres idosas acreditam que o HIV poderia ser transmitido por meio de sabonetes, toalhas, assentos de banheiro, beijo na bochecha, abraços, compartilhamento de copos e picadas de mosquito. A crença dessa população acerca do exposto pode alimentar o estigma em torno da doença¹². Outro estudo, com intuito de compreender o conhecimento dos idosos acerca das ISTs, evidenciou que, sobre a prevenção, 40% dos idosos acertaram ao mencionar o preservativo, e 29,2% indicaram métodos preventivos incorretos, como não se relacionar com profissionais do sexo, não beijar pessoas com ISTs ou evitar compartilhar assentos sanitários, e 20% não respondeu¹¹.

Em relação à hepatite B, a maioria demonstrou conhecimento sobre o assunto, tanto sobre a vacinação disponível para esse público quanto os principais sintomas. A adesão à

vacinação entre idosos está ligada tanto às orientações dos profissionais de saúde quanto à facilidade de acesso aos serviços. Aqueles que mantêm um contato e vínculo mais frequente com os serviços de saúde tendem a receber mais informações e incentivos para adotar medidas de autocuidado¹³. De acordo com estudos prévios, o cenário brasileiro evidencia uma estreita correlação entre elevados índices de casos confirmados de hepatite B e o baixo nível socioeconômico, resultando em maior vulnerabilidade e contaminação da população socialmente desfavorecida. Essa vulnerabilidade é agravada pelo menor acesso à informação sobre as formas de contágio, por estilos de vida que podem aumentar a suscetibilidade à infecção e pelo menor índice de vacinação nesse grupo¹⁴.

No que se refere à sífilis, percebe-se uma expressiva falta de conhecimento sobre os sintomas dessa enfermidade, conforme evidenciado nas entrevistas. Entre 2010 e 2021, foi observado um aumento no número de casos de sífilis em pessoas com idade superior a 50 anos no Brasil¹⁵. Em consonância com estudo realizado no interior do estado de São Paulo, onde foram entrevistados 99 idosos, uma proporção significativa desses participantes revelou desconhecimento sobre a sífilis: 92,93% não demonstraram conhecimento sobre suas manifestações, e 84,85% não apresentaram compreensão sobre as estratégias de prevenção da doença¹⁶.

Embora as mulheres idosas sejam suscetíveis a desenvolverem lesões cancerígenas no colo do útero, percebe-se uma grande falta de conhecimento sobre a infecção por HPV. Também é evidente que ainda há uma carência de estudos focados especificamente nesse público. Um estudo realizado na China analisou a incidência e a duração clínica do HPV em homens, incluindo a faixa etária idosa, evidenciou que o número de parceiros sexuais ao longo da vida esteve consistentemente associado a um maior risco de infecção, prevalência e incidência do HPV. Nesse sentido, os achados desse estudo sugerem que o risco de HPV pode ser relativamente menor na população idosa, possivelmente relacionado a um menor número médio de parceiros sexuais ao longo da vida nesse grupo¹⁷. Desta forma, destaca-se a importância e necessidade de aprofundar a investigação e ampliar os estudos¹⁸.

Dos idosos participantes do estudo, uma grande parcela não tem a vida sexual ativa. Um estudo apontou que o envelhecimento provoca alterações hormonais que afetam o prazer sexual, como a redução da testosterona nos homens, o que acarreta em disfunção erétil, e a queda dos níveis de estrogênios nas mulheres, levando a alterações vaginais e diminuição do orgasmo¹⁹.

Um estudo comparou a atividade sexual entre idosos fisicamente ativos e sedentários e encontrou que os idosos que praticavam atividade física regular admitiram ser sexualmente

ativos na atualidade, enquanto que os idosos sedentários relataram que o sexo foi mais importante na juventude, e que o ato e frequência sexual não são tão relevantes para eles nesta fase da vida. Entretanto, reiteraram o companheirismo, atos de carinho e afeto como parte desta sexualidade⁴.

Pesquisa desenvolvida com idosas em uma UBS do Rio Grande do Sul evidenciou que estas mulheres conheciam ISTs, principalmente HIV, sífilis e gonorreia, contudo detectaram um déficit no conhecimento sobre a diferença entre a infecção por HIV e a doença AIDS. Na percepção das idosas entrevistadas, a prevenção de ISTs ocorre por meio da realização de exames preventivos e pelo uso de preservativos²⁰.

Quanto as formas de transmissão de ISTs, os resultados do presente estudo convergem com os encontrados no Rio Grande do Sul, no qual a maioria dos entrevistados relataram que podem adquirir durante a relação sexual desprotegida. Contudo, as idosas nem sempre utilizavam o preservativo por ceder ao desejo do companheiro em não o utilizar e pela confiança em ter um parceiro sexual fixo²⁰. O uso do preservativo também não foi frequente pelos idosos que ainda mantém a vida sexual ativa na presente investigação, o que aumenta o risco de ISTs nesse público. Assim sendo, pode prejudicar o envelhecimento saudável e comprometer a qualidade de vida destes idosos²¹.

Resultados análogos também foram encontrados em alguns relatos errôneos sobre os meios de transmissão, no qual os idosos citaram o contato com saliva, abraço e compartilhamento de utensílios (como copos e talheres) neste estudo e através do beijo/saliva, contato físico com pessoas e ambientes contaminados (como vaso sanitário em banheiros públicos) no outro²⁰.

A maioria dos idosos informaram não procurar por informações sobre ISTs. A falta de conhecimento, de busca por informações e vergonha em discutir sobre o tema pela pessoa idosa, pode ser uma consequência de barreiras enfrentadas desde a infância, na qual não havia um diálogo com os pais sobre sexo e uso de preservativo, nem discussões sobre educação sexual tanto no convívio familiar quanto no escolar. Ademais, conversar sobre sexo ainda é um tabu para muitas idosas, pois gera sentimentos de preconceito, medo e constrangimento²⁰.

CONCLUSÃO

O estudo revelou que, a maioria dos idosos possui conhecimento adequado sobre as ISTs investigadas, contudo uma pequena parcela ainda relata conhecimento errôneo sobre alguns aspectos como meios de transmissão, prevenção e sinais e sintomas. Verificou-se ainda que a

minoria tem atividade sexual ativa e, apesar de saber que o preservativo é um meio de prevenção, a maioria informou não utilizar com frequência.

Como limitações, destaca-se a amostra pequena, por conveniência e a realização em uma única UBS, portanto os dados devem ser interpretados com cautela, não permitindo sua generalização. Diante disso, são necessários novos estudos a fim de explorar o conhecimento desta população, além do planejamento de ações/intervenções educativas por profissionais de saúde, visando a promoção da saúde, a prevenção de ISTs e consequentemente uma melhor qualidade de vida da pessoa idosa.

REFERÊNCIAS

1. Silva AS, Fassarella BPA, Faria BS, Nabbout TGME, Nabbout HGME, D'Avila JC. Envelhecimento populacional: realidade atual e desafios. *Global Academic Nursing Journal* [Internet]. 2021 [citado em 21 maio 2025]; 2(Supl 3):e188. DOI: <https://doi.org/10.5935/2675-5602.20200188>
2. Rosa RJS, Viana AELG, Moura LVC, Silva ESP, Dias QA. Infecções sexualmente transmissíveis em idosos: revisão integrativa da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde* [Internet]. 2021 [citado em 21 maio 2025];13(12):e9052. DOI: <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e9052.2021>
3. Souza Junior EV, Cruz DP, Silva Filho BF, Silva CS, Siqueira LR, Sawada NO. Influência da sexualidade na saúde mental de idosos. *Revista Enfermería Actual en Costa Rica* [Internet]. 2022 [citado em 21 maio 2025]; (42):27-41. DOI:
[http://dx.doi.org/10.15517/enferm.actualcostarica\(enlínea\).v0i42.46101](http://dx.doi.org/10.15517/enferm.actualcostarica(enlínea).v0i42.46101)
4. Lopes GS, Cardoso MR, Silva BF, Duarte JM, Nicolussi AC. Avaliação da sexualidade em idosos fisicamente ativos e sedentários. *Rev Família, Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.* [Internet]. 2021 [citado em 21 maio 2025]; 9(4):1-10. DOI: <http://dx.doi.org/10.18554/refacs.v9i4.4899>
5. Silva EFO, Santana A, Ribeiro AC, Dores IDC, Gontijo TG. Fatores associados ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis no público idoso. *Revista Eletrônica Acervo Saúde* [Internet]. 2023 [citado em 21 maio 2025]; 23(3):e11813. DOI:
<http://dx.doi.org/10.25248/reas.e11813.2023>
6. Makus GA, Almeida DM. Conhecimento dos idosos sobre as infecções sexualmente transmissíveis na estratégia de saúde da família num Município do Paraná-Brasil. *Braz J Health Rev* [Internet]. 2022 [citado em 21 maio 2025];5(2):5280-92. DOI:
<http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv5n2-109>
7. Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável [Internet]. Rio de Janeiro: UNIC; 2015 [citado em 21 maio 2025]. 49 p. Disponível em:
<https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>

8. Teigão FCM, Moser ADL, Fidalski SZK. Avaliação das propriedades psicométricas da versão brasileira do Short Portable Mental Status Questionnaire (SPMSQ) de Pfeiffer. Rev Bras Geriatr Gerontol. [Internet]. 2024 [citado em 21 maio 2025]; 27:e230277. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562024027.230277.pt>
9. Amaral SVA, Rocha RLP, Junqueira VSS, Martins LDM, Souza HM, Oliveira PM, et al. Conhecimento e comportamento de um grupo de idosos frente às infecções sexualmente transmissíveis. Revista Eletrônica Acervo Saúde [Internet]. 2020 [citado em 21 maio 2025]; 12(9): e3891. DOI: <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e3891.2020>
10. Veloso MV, Sousa NFS, Medina LPB, Barros MBA. Desigualdades de renda e capacidade funcional de idosos em município do Sudeste brasileiro. Rev Bras Epidemiol. [Internet]. 2020 [citado em 21 maio 2025]; 23:e200093. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200093>
11. Monte CF, Nascimento LC, Brito KPSS, Batista ASL, Ferreira JS, Campos LS, et al. Idosos frente a infecções sexualmente transmissíveis: uma revisão integrativa. Brazilian Journal of Health Review [Internet]. 2021 [citado em 21 maio 2025]; 4(3):10804. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-095>
12. Fakoury MK, Bento BO, Britto AMA. Knowledge about HIV/AIDS among elderly women in an interdisciplinary health promotion program. Rev Pesqui (Univ Fed Estado Rio J, Online) [Internet]. 2025 [citado em 21 maio 2025]; 17:e-13555. DOI: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v17.13555>
13. Ferreira PCS, Oliveira NGN, Tavares DMDS, Machado DCM. Análise da situação vacinal de idosos. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2020 [citado em 21 maio 2025]; 55:03723. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2020007403723>
14. Silva MB, Carvalho CN, Gonçalves SJ. Panorama epidemiológico de casos confirmados de hepatite B no Brasil de 2014 a 2018. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação [Internet]. 2023 [citado em 21 maio 2025]; 9(6):3029-40. DOI: <http://doi.org/10.51891/rease.v9i6.10515>
15. Barros ZDS, Rodrigues BGM, Frota KMGC, Penha JC, Nascimento FFD, Rodrigues MTP, Mascarenhas MDMM. Tendência da taxa de detecção de sífilis em pessoas idosas: Brasil, 2011–2019. Rev Bras Epidemiol. [Internet]. 2023 [citado em 21 maio 2025]; 26:e230033. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720230033.2>
16. Silva ACM, Almeida PR, Moraes LL, Rodrigues MVP, Pereira VC, Polettini J, et al. Conhecimento sobre a sífilis em idosos em município do interior do estado de São Paulo. Saúde Colet (Barueri) [Internet]. 2020 [citado em 21 maio 2025]; 10(52):2314-25. DOI: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2020v10i52p2314-2325>

17. Falcão DP, Suassuna RM. Prevalência de HPV em idosos: uma revisão integrativa. Revista Contemporânea [Internet]. 2024 [citado em 21 maio 2025]; 4(7):1-18. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/5113/3864>
18. Bessa JA, Mugnol T, Wolf J, Boeira TdR, Lunge VR, Coser J. Infecção cervical por papilomavírus humano em mulheres idosas. Rev Bras Geriatr Gerontol. [Internet]. 2023 [citado em 21 maio 2025]; 26:e23002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562023026.230027.pt>
19. Araújo JG, Leal IBF, Feitosa MAA, Rodrigues MF, Sousa MNA. Desafios que interferem na saúde sexual dos idosos. Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida [Internet]. 2024 [citado em 21 maio 2025]; 15(3):2-8. DOI: <https://doi.org/10.36692/V15N3-62ar>
20. Gomes AB, Rangel RF, Linck CL, Luz EMF, Munhoz OL, Ilha S. Knowledge of aged women about Sexually Transmitted Infections. Rev RENE [Internet]. 2024 [citado em 21 maio 2025]; 25:e93232. DOI: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20242593232>
21. Groke MEN, Teixeira LBN. A vulnerabilidade da população idosa frente às infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. Interfaces em Ciências da Saúde [Internet]. 2024 [citado em 21 maio 2025]; (2):2-10. DOI: <http://dx.doi.org/10.47385/interfaces.4822.3.2024>

Editor associado: Rafael Gomes Ditterich

Conflito de Interesses: os autores declararam que não há conflito de interesses

Financiamento: não houve

Contribuições:

Conceituação – Nicolussi AC, Macedo TB, Oliveira RASS, Zuffi FB

Investigação – Nicolussi AC, Macedo TB, Oliveira RASS

Escrita – primeira redação – Nicolussi AC, Macedo TB

Escrita – revisão e edição – Nicolussi AC, Macedo TB, Oliveira RASS, Zuffi FB

Como citar este artigo (Vancouver)

Macedo TB, Oliveira RASS, Zuffi FB, Nicolussi AC. Conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e atividade sexual de pessoas idosas. Rev Fam, Ciclos Vida Saúde Contexto Soc. [Internet]. 2025 [citado em inserir dia, mês e ano de acesso]; 13:e025014. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v13i00.8379>

Como citar este artigo (ABNT)

MACEDO, T.B.; OLIVEIRA, R.A.S.S.; ZUFFI, F.B.; NICOLUSSI, A.C. Conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e atividade sexual de pessoas idosas. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, MG, v. 13, e025014, 2025. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v13i00.8379>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso.

Como citar este artigo (APA)

Macedo, T. B., Oliveira, R. A. S. S., Zuffi, F. B., Nicolussi, A. C (2025). Conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e atividade sexual de pessoas idosas. Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc., 13, e025014. Recuperado em inserir dia, mês e ano de acesso de <https://doi.org/10.18554/refacs.v13i00.8379>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons